

### 3 Desdobramento monadológico

#### 3.1. Manutenção da dobra

No fundo, é o mesmo dia que retorna sempre sob a forma dos dias feriados, que são os dias da reminiscência. Assim, os calendários não marcam o tempo do mesmo modo que os relógios. Eles são monumentos de uma consciência histórica da qual não parece mais haver na Europa, há cem anos, o mínimo vestígio. (BENJAMIN, 1987. p.230. §15)

Esta epígrafe ilustra grande parte das preocupações monadológicas (assim pode-se dizer) de Benjamin e explicitam termos que serão utilizados no decorrer do capítulo. Este – parte integrante deste mosaico – visa buscar uma maior compreensão a respeito do termo *mônada* e seu conceito sobre, principalmente, o alicerce e o diálogo com *A Monadologia* de Leibniz (em conjunto a outras de suas obras como, por exemplo, o *Discurso metafísico*) apontando sua relevância para a modernidade em geral e, ainda mais, para a filosofia de Benjamin, que proporciona o re-despertar do interesse pela cultura e pensamento barrocos quando trata, no *Prefácio*, de maneira breve (porém especificamente) sobre a *mônada*, o conceito de Leibniz redescoberto, renomeado e aproveitado sobre suas circunstâncias críticas.

Para tanto, será edificante passear brevemente pelas tradições antigas – de Pitágoras a Giordano Bruno – para desdobrar filológica e conceitualmente a *mônada*, chegando a Leibniz e finalmente a Benjamin. A princípio, a tendência deste capítulo é a de apresentar as suas dobras fechadas em si mesmas na forma do texto, para poder, em seguida, desdobrar suas qualidades tornando-as mais claras e estipulando analogias com a noção de crítica de Benjamin, para chegar ao que mais interessa – a *origem* – que consagra sua filosofia e se confunde com a própria *Monadologia*: a simplicidade das *mônadas*, a materialidade, a imanência, a temporalidade intrínseca, sua criação e possível aniquilação. (No Paraíso, o

poder criativo de Adão se confundia ainda mais com o do próprio Deus. Hoje, é preciso crítica ou tradução).

A respeito da dobra, estará presente (de passagem) Gilles Deleuze para auxílio nesta jornada, com seu texto sobre *Leibniz e o barroco*. Se “idéia é mônada” (BENJAMIN, 1984. p.69) e se as idéias filosóficas “não se descobrem”, mas “são criadas”<sup>51</sup>, o barroco se faz necessário para compreensão desta natureza na contemporaneidade.

Contra a noção de progresso (como explanado), a origem e a mônada alicerçam uma noção de crítica diferente daquela apontada por Kant, Hegel e pelos românticos, como visto no capítulo anterior. Na tese, Benjamin trata do *Conceito de crítica de arte no romantismo alemão*, porém deixa clara a sua distinção a esse respeito quando cita, numa nota de rodapé, as palavras de Schlegel, que divergem de sua concepção:

O desejo revolucionário de realizar o Reino de Deus é o ponto elástico da cultura progressista e início da história moderna<sup>52</sup> (...) Sim, eu vejo o alvorecer do mais grandioso início dos novos tempos; tímido como o antigo cristianismo no qual não se percebeu que logo engoliria todo o império romano...<sup>53</sup>

Partindo disto, pode-se, desde já, observar que sua crítica visa *completar* a obra (o que toca os românticos), porém, explorar a dialética *intrínseca* da obra para conceber a sua forma e sua origem, i.e., suas qualidades próprias (o que toca o barroco e suas dobras monadológicas), na relação de linguagem com o crítico ou materialista histórico.

---

51 DELEUZE, Gilles. *Abecedário*. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://intermidias.blogspot.com/1994/11/i-de-idia.html>. 18/9/2008. (I de Idéia).

52 SCHLEGEL, Friedrich. *Athenäum*. Ed. J.Minor. Wien, 1906. 2ª ed. §222 *apud* BENJAMIN, 1993.

53 Brief, 421 *apud Ibid*.

### 3.2. Aura de seu *iter*

Quando o pensamento pára, bruscamente, numa configuração saturada de tensões, ele lhes comunica um choque, através do qual essa configuração se cristaliza enquanto mônada. O materialista histórico só se aproxima de um objeto histórico quando o confronta enquanto mônada. (BENJAMIN, 1996. p.231. §17)

Antes de explorar mais de perto as propriedades alegóricas dos termos benjaminianos, primeiramente, é interessante apresentar um itinerário histórico da mônada.

Seu termo advém do latim tardio<sup>54</sup> *monade*, oriundo dos vocábulos gregos *μονάς* (*único, simples*) e *ἀδός* (*origem!*), i.e., *única origem* – presente tempo em si, se aproxima do próprio *Ursprung*. Para um *amigo do logos*, como o é Benjamin, a passagem dos subtítulos *Origem à Monadologia*, no *Prefácio*, não parece ser casual, não obstante suas idéias que se entrelaçam intimamente. Na própria forma deste seu ensaio, Benjamin quase não estipula passagens entre um e outro subtítulo, o que dá uma desenvoltura corrente, num fluxo contínuo da própria desdobra.

Para além de sua etimologia – visando sua filologia – o termo nutriu-se de uma aura mística (*grosso modo*), devido àqueles que o utilizou para dar base às idéias e interpretações esotéricas a seu respeito. Dos grandes cânones da história filosófica a usufruírem o termo, até mesmo Aristóteles, o pai da Lógica, está imbuído de algum misticismo histórico-ocultista. Dos primórdios à Madame Blavatsky, a mônada remete a imagens de algum tipo de magia. Mônada é um termo conhecido há muito entre os ocultistas: fundamento de uma realidade primeira da individuação dos corpos (densos e sutis)<sup>55</sup> de um ente, que perdura em sua eternidade. De acordo com Blavatsky (fundadora da Sociedade Teosófica),

---

54 *Latim tardio* ou *latim vulgar* é o latim não-clássico composto por diversas mudanças de termos que se aproximam em muito das línguas românicas mais modernas. A influência do romanesco é também importante para a concepção de romance em Schlegel quando o mesmo o diferencia do arabesco (BENJAMIN, 2002). O primeiro quer dizer da arte que se afasta conceitualmente do segundo, fantasioso.

55 Para algumas escolas ocultistas, o corpo é a concepção da união de vários corpos com os quais os esotéricos trabalham conceitual e ritualisticamente, tais como o corpo físico (o mais denso, conhecido pela ciência), assim como os corpos: etéreo, astral, mental, intuicional, espiritual e, não poderia faltar, o *monádico*.

“ela é o único princípio imortal e eterno em nós, sendo uma parte indivisível do todo integral – o Espírito Universal –, do qual ela emana e no qual ela é absorvida no fim do ciclo”.<sup>56</sup>

Essa forma dos místicos de expor os conceitos à percepção dos não-iniciados e dos leitores pouco assíduos na realidade filosófica confunde-se na intenção, no desígnio e na maneira de apresentar a suposta Verdade. Emaranhamento ainda mais freqüente nos textos dos idealistas alemães, influenciados direta ou indiretamente pelo luterano Jakob Böhme e outros místicos; inclusive, parece clara a aproximação, não apenas neo-platônica, entre este *Espírito Universal* e o *Espírito Absoluto* de Hegel, por exemplo.

Benjamin, leitor e comentador dos idealistas alemães, amigo do cabalista Gershom Scholem, apesar da aparente ironia, não faltou respeito aos místicos e buscou dialogar com essa parte da modernidade decerto marginalizada pela cultura filosófica. A mística permitiu a Benjamin explorar a origem mágica da linguagem; uma linguagem sem lógica ou qualquer tipo de mediação semântica, que ao apontar para as coisas faz nomear e evocar sua idéia. E é isso que, resumido na passagem de Merleau-Ponty, vai interessar em breve: “O Ser é o que exige de nós criação para que dele tenhamos experiência.” (MERLEAU-PONTY, 1964. p.187 *apud* CHAUI, Marilena, 2002. p.151)

Se se puder ignorar aquelas ditas qualidades da mônada que nos permitem permanecer sujeito entre *a quo* e *ad quem* dos corpos físicos (movimento de “transmutação da alma”, como diriam os pitagóricos), também o é semelhante (e ainda mais conhecido na academia sob aspectos filosóficos), o conceito monadológico de Leibniz, não obstante o seu rosacrucianismo<sup>57</sup>, que em grande parte deve ter influenciado sua conceituação do mundo material; semelhante aos conceitos herméticos de Giordano Bruno.

---

56 BLAVATSKY, Helena P.B. *A doutrina secreta* (Vol. 1 – Proêmio). Ed. Pensamento. p.16 [online] Disponível na Internet via WWW. URL: [http://www.blavatsky.net/portuguese/a\\_doutrina\\_secreta/three\\_fundamentals.htm](http://www.blavatsky.net/portuguese/a_doutrina_secreta/three_fundamentals.htm)

57 De acordo com livro *Leibniz* (ROSS, 2001), o autor chega a informar que a aproximação íntima do filósofo com a Rosa-Cruz é um mero boato. Destarte, Leibniz trocava muitas cartas com os ocultistas e chegou a financiar diversas pesquisas na área da alquimia (não só por uma questão filosófica, mas, segundo Ross, Leibniz acreditava na transmutação do chumbo em ouro). Todavia, informações a respeito de ocultismo devem ficar suspensas, visto que as fontes tendem – como o nome já diz – a ocultar as verdades.

A mônada, para Leibniz, é a base para uma concepção dinâmica do mundo material, ao contrário daquela mecânica de Descartes. Intrínseca à mônada há uma força vitalizante, não como extensão. “Quem meditar sobre a natureza da substância (...) verificará não consistir apenas na extensão, isto é, no tamanho, figura e movimento toda a natureza do corpo.” (LEIBNIZ, 1974. p.85) O universo é visto como um composto dessas unidades de força e cada uma delas, fechadas em si mesmas, representam e espelham todo o universo sob um determinado ponto de vista. A mônada é um ponto com o poder de exprimir o todo e por isso não recebe informações de fora: sua dinâmica é imanente ainda que dependente da imanência de outras. E aí, uma interpretação peculiar: Deus é criador da matéria em sua eternidade; sua criação não é feita no tempo e nem poderia, mas uma criação das coisas na dependência de seu Ser. Desde Tomás de Aquino, a criação no tempo não pode ser entendida sob o ponto de vista da filosofia, mas apenas da fé. Como seguirá, toda mônada é origem e em si possui suas “pré e pós-história”.

A mônada de que fala Blavatsky é no máximo equiparável a “mônada superior” ou “dominante” de que fala Leibniz, i.e., a alma, que pode “atingir tudo em particular”. Há uma limitação na percepção consciente do todo na mônada, pois esse reflexo do universo é obscuro, dado que todas as mônadas particulares são *finitas* (e aqui se difere de *eternas* no que tange suas qualidades, dado que cada mônada não é Deus em sua completude, mas apenas reflexo ou ponto de vista Dele). Essa percepção se atualiza (em si) devido a esse dinamismo entre as mônadas. Visto que todas elas são em si reflexos do universo e que, ao contrário do conceito de Newton, não há um espaço absoluto, elas também têm a característica donde todos os seus movimentos dependem do movimento das demais, já que foram criadas juntas, ao mesmo “tempo”, sob a ótica do melhor dos mundos, perfeito e imutável, previsto por Deus. A mônada está constantemente percebendo esses movimentos, mas nem sempre se apercebendo, conscientemente dos mesmos. Esse inconsciente nas mônadas espirituais (dos seres humanos) é o único capaz de ser cessado, através da filosofia (sempre salvando os homens em sua afirmação da liberdade).

O primeiro pensador a usar filosoficamente o termo *μονάς* parece ter sido

Pitágoras<sup>58</sup> e os discípulos de sua Escola, para designar uma unidade *material*, um ponto extenso, dotado de posição que não deixa espaço livre entre quaisquer seguimentos de retas entre dois pontos. Para alguns autores, foi Giordano Bruno quem latinizou o termo, extraído da filosofia de Plotino. Para ambos, uma *substância real*, a saber, dotada de *materialidade*, não apenas uma unidade ideal e abstrata. (A materialidade, essa qualidade da mônada, interessa demasiadamente para concepção benjaminiana de mônada).

Leibniz provavelmente fez este trajeto para chegar ao termo. Depois de *almas*, *enteléquias* (ou *forças primitivas*), *formas substanciais*, *substâncias simples*, “como quer que as chamemos” (Teod. § 396) (termos usados anteriormente a *Monadologia*), o filósofo chegou à *mônada* e consagrou sua filosofia. De fato, é difícil pensar no termo sem remetê-lo à Leibniz.

Extraídas de *A Monadologia*, pode-se resumir as maiores características de uma mônada leibniziana como aquela que: é simples, ou seja, sem compostos, sem partes, sem dissolução; que só pode ser aniquilada por Deus, assim como também fora criada. Assim, é perfeita em seu íntimo, e o seu movimento não é excitado do exterior, o que, decerto, só existe segundo as circunstâncias da linguagem fenomênica, visto que, metafisicamente, as coisas não agem sobre as outras. A linguagem dos fenômenos é comum e necessária para sua compreensão, como um tipo de tradução derivada das mônadas.

Para Leibniz, tanto os nomes quanto as idéias abstratas não passam de imaginação, mesmo que necessária para o desenvolvimento da linguagem. As verdadeiras idéias para Leibniz, diferentemente do *εἶδος* (conceitual) de Platão, não são abstratas, mas alicerçadas sobre princípios que, no tocante à matéria, encontram seu firmamento.

“As mônadas não tem janelas por onde qualquer coisa possa entrar ou sair” (LEIBNIZ, 1974. p.63. §7); nenhum acidente lhe há, nem mesmo extrínseco – estes, aparentes, são imaginários. Todavia, há qualidades nas mônadas como em qualquer ente, que as diferenciam uma das outras, dado que são criaturas e não

---

58 “Esta figura cedo foi envolvida pelo legendário, de modo que é difícil separar nela o histórico do fantástico (...) Seus pensamentos transmitidos oralmente eram rigorosamente guardados em segredo pelos primeiros discípulos que também nada escreveram.” (KUHNEN, Remberto Francisco. *Os pensadores: Pitágoras de Samos*. vol.I. p.59)

podem ter todas as infinitas qualidades como as do próprio Deus. Assim, as mônadas estão em mudança contínua, que “procedem de um princípio interno” (*Ibid.* §11) e de “um pormenor do que muda” (*Ibid.* §12), que especifica as qualidades da mônada. Como um prisma ou um cristal, as mônadas “espelham todo o universo” em si mesmas, mas de forma obscura; “retira de um fundo sombrio todas as suas percepções claras” (DELEUZE, 2007. *sinopse*).

Em diálogo com sua intrínseca história filológica, uma mônada só existe vinculada a um corpo material, o que faz garantir a força da matéria (noção fundamental de Leibniz contra a “mera” extensão cartesiana), dotada de um poder de reminiscência (*Erinnerung* – termo usado por Leibniz e também por Benjamin) que jamais se esvaece. A própria noção de conhecimento para Leibniz é, como para Aristóteles, dado num movimento de atualização das potências, porém, visto que a mônada não é passiva, não é dado por uma atualização extrínseca, mas neste movimento que é interno e reminiscente (onde se aproxima de Platão), em toda a sua completude que já está virtualmente na eternidade da mônada. A totalidade percorre o mais ínfimo. Leibniz, de certa forma, fez trazer o *εἶδος* platônico para um conceito de unidade material.

Dessa forma, também não pode haver no universo nem espaço absoluto como “receptáculo das coisas” (tese de Descartes e de Newton), qualquer noção de espaço vazio, nem mera extensão, mas única e exclusivamente mônadas.

Talvez caiba ao Barroco, profundamente, confrontar-se com o oriente. Já era essa a aventura de Leibniz, com sua aritmética binária: em um e zero, Leibniz reconhece o pleno e o vazio à maneira chinesa; mas Leibniz barroco não acredita no vazio, que lhe parece estar sempre repleto de uma matéria redobrada, de modo que a aritmética binária superpõe as dobras que o sistema próprio da Natureza escondem em vazios aparentes. As dobras estão sempre cheias no Barroco e em Leibniz. (DELEUZE, 2007. p.69)

“Cada corpo, por menor que seja, contém um mundo (...) Sempre uma dobra na dobra, como uma caverna na caverna.” (*Ibid.* p.17-18) O real deve ter um correlato fático para ser verdadeiramente real, desde que se entenda que esse correlato não é reduzido à noção de átomo (clássica ou moderna), pois a matéria é infinitamente divisível. “A hipótese atomista de uma dureza absoluta e a hipótese

cartesiana de uma fluidez absoluta juntam-se tanto melhor por comungarem no mesmo erro.” (*Ibid.* p.17-18) O corpo jamais se dissolve em “pontos ou mínimos”, e aí a mônada parece se distanciar de Pitágoras. Do contrário, a mônada fundamenta-se apenas como ente de razão que, na ausência de vínculo com sua íntima materialidade, é apenas um conceito abstrato, como dito, de criação atribuída à imaginação. Nisto pode-se ater para tratar da analogia com Benjamin.

A estrutura da idéia, resultante do contraste entre seu isolamento inalienável e a totalidade, é monadológica. Idéia é mônada. (BENJAMIN, 1984. p.69) Cada idéia é um sol, e se relacionada com outras idéias como sóis se relacionam entre si. (*Ibid.* p.59-60)

A mônada contém em si mesma a totalidade. Cada sol tem a sua luz própria, assim como cada idéia-mônada. No mundo perfeito de Leibniz (segundo seu princípio de razão suficiente) há necessidade da ‘relação’ (em linguagem fenomênica) entre elas. “A verdade é o equilíbrio tonal dessas essências” (*Ibid.* p.60), formando o mosaico. Para Leibniz, é o “sistema de Harmonia Preestabelecida.” (ROSS, 2002. p.83) Assim o é a idéia como a estrela de uma constelação de mônadas, próximas umas das outras, mas isoladas das demais em suas qualidades próprias, mesmo que espelhem obscuramente todas elas e todo o universo sob um ponto de vista. Matéria, forma, tempo e a *historia naturalis* se dão nela mesma. Quem a concebe é o filósofo-crítico com sua “ciência da origem”.

A história filosófica, enquanto ciência da origem, é a forma que permite a emergência, a partir dos extremos mais distantes e dos aparentes excessos do processo de desenvolvimento, da configuração da idéia, enquanto Todo caracterizado pela possibilidade de uma coexistência significativa e desses contrastes. (BENJAMIN, 1984. p.69)

Sua dialética histórica e cada um dos seus termos e extremos constituintes – ao contrário da *Fenomenologia do Espírito*, de Hegel – se dão ‘dentro’ da mônada. A energia ou força é uma das principais qualidades das mônadas, e é através deste princípio da matéria (que não é externo como em Descartes) que

Leibniz vai demonstrar, em parte, a reminiscência imanente da mônada.

Como no instante exato do pêndulo de um relógio, quando o mesmo está perpendicular ao seu eixo, Leibniz nos lembra que ali, no peso da esfera, está contida a lembrança do passado-repouso, assim como a força que o impele para o futuro; há “progressividade na aquisição e na perda do movimento, realizando-se, ao mesmo tempo, a conservação da força”. (DELEUZE, 2007. p.19) Para Benjamin, analogamente, é neste exato instante, fotografado pelo olhar intensivo ou mineralizado pelo “olhar de Medusa do historiador” (ROUANET *in* BENJAMIN, 1984. p.19), ali, na força da materialidade da esfera pendular, onde se podem encontrar as suas “pré e pós-história”, sua temporalidade (*Jetztzeit*) e a sua origem (*Ursprung*). Neste instante, marcado pelo relógio, o tempo pára, mas não a sua história, concebida ali mesmo imanente, como faz a consciência revolucionária ao “explodir o *continuum* da história”<sup>59</sup>.

O barroco, imbuído deste espírito-temporal (*Zeitgeist* – ou *Geist der Zeit*, como em Hegel), semelhante ao *jogo* de um tempo-do-agora de Benjamin, concebeu suas artes (mais especificamente suas arquiteturas sacras) como mônadas fechadas, o que sem dúvida lhe concedeu analogamente esta força tamanha. A catedral barroca é fechada e cheia de dobras por onde podem correr a energia, que se entrelaçam, que se formam uma das outras, estruturando diversos dos seus símbolos e alegorias. Possuem, algumas delas, pequenas capelas também em seu interior – uma miniatura delas mesmas<sup>60</sup> –, além do grande altar. A catedral barroca, em sua forma arquitetônica, como uma mônada, espelha a verdade, como um microcosmo. Suas fachadas pouco importam (se comparadas, por exemplo, às fachadas góticas) e não são conservadas como o interior. A força interior das dobras é o que importa. Força presente, assim como na grande pirâmide:

O acontecimento constituído pela vida natural na grande pirâmide ontem e hoje é divisível em duas partes, a grande pirâmide ontem e a grande pirâmide hoje. Mas o

---

59 “Terminado o primeiro dia de combate, verificou-se que em vários bairros de Paris, independentes uns dos outros e na mesma hora, foram disparados tiros contra os relógios localizados nas torres.” (BENJAMIN, 1985. p.230. §15)

60 Cabe lembrar que Benjamin era colecionador também de miniaturas.

objeto de reconhecimento, que também é chamado grande pirâmide, é o mesmo objeto ontem e hoje. (WHITEHEAD *in* DELEUZE, 2007. p.137. Nota 10)

Não obstante, a mônada foi representada como uma pirâmide e um olho nela que tudo vê. “O olho do homem do dólar.”<sup>61</sup> Concebe-se, então, o correlato fático da história natural do fenômeno na idéia-mônada da pirâmide, ou “o vir-a-ser dos fenômenos em seu Ser. Porque o conceito de Ser da ciência filosófica não se satisfaz com o fenômeno, mas somente com a absorção de toda a sua história.” (BENJAMIN, 1984. p.69) Todavia, confundiu-se a essência das coisas – tomada por via conceitual de abstração – com o próprio Ser das mesmas<sup>62</sup>.

Para Leibniz, o que é material é necessariamente divisível *ad æternum* – o que prova o seu cálculo infinitesimal – e está sempre em movimento de atualização reminescente e imanente, como dito. Não há átomos diamantinos, com dureza indestrutível; nem mesmo se pode conceber isso *more geometrico*<sup>63</sup>. Ainda assim, só há mônada onde há matéria, e é ela que dá a força presente em sua unidade. Se a mônada é infinita (aniquilada por Deus, apenas se Ele assim o desejar), mesmo depois que um corpo composto se fragmenta, esta perdura. A matéria fragmentada é o que se dá nos fenômenos, historicamente.

Porém, para que os fenômenos em suas unidades não se tornem mero passado ou para que não sejam esquecidos, Benjamin diz que é preciso um movimento crítico para salvá-los nas idéias, arrancando-os com violência de sua época e concebendo a sua forma. Se apenas Deus pode criar ou aniquilar uma mônada, o crítico-filósofo, para Benjamin, tem poder semelhante ao de Deus, visto que este é herdado do Paraíso, através do ato nomeador. O filósofo descobre a forma, a idéia, a mônada dos fenômenos com os fragmentos históricos, ao

---

61 No filme brasileiro de Heitor Dhalia, *O cheiro do ralo* (2007), há uma passagem (112 min) onde um visitante do antiquário de Lourenço fala de maneira irônica deste símbolo controverso, que está impresso na nota de um dólar americano. A pirâmide com um olho é conhecida por algumas escolas como a representação de uma mônada dominante.

62 Essa é uma crítica apresentada por Heidegger, quando o filósofo trata do esquecimento histórico do Ser. Todavia, tomistas contemporâneos, como Cornelio Fabro, acreditam já haver na filosofia do próprio Tomás de Aquino uma preocupação com o Ser que não se confunde de forma alguma com a essência.

63 A expressão latina *more geometrico* (usada por Benjamin no *Préface*) designa ora um modo de apresentação no qual são reconhecidos certos axiomas, donde, a partir deles, são deduzidas as proposições filosóficas; ora um modo de apresentação semelhante ao da matemática.

mesmo tempo que a constrói, concebendo sua origem não-genética, mas que “emerge do vir-a-ser”. (*Ibid.* p.67) Se a matéria fosse apenas mera extensão, sem qualidades intrínsecas, não haveria como salvá-las (Benjamin), nem ao menos percebê-las (Leibniz). As mônadas são idéias metafísicas (ou lingüísticas) dotadas de interioridade.

Estas noções leibnebianas assemelham-se às mesmas alegorizadas de Benjamin. Para ambos não há tempo como concebeu Newton e grande parte dos filósofos, a saber, um tempo retilíneo e invisível, onde a materialidade vaga dos fenômenos se filia.

A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’. (BENJAMIN, 1996. p.229. §14) A história universal não tem qualquer armação teórica. Seu procedimento é aditivo. Ela utiliza a massa dos fatos, para com eles preencher o tempo homogêneo e vazio. (*Ibid.* p.231. §17)

Este tempo, assim concebido, é apenas uma relação abstrata dos fenômenos, inteligível, mas não existente – do prefixo latino *ex* (fora de) e de *sistere* (estar colocado) – ou real. A mônada possui, nela mesma, sua temporalidade íntima (*Jetztzeit*), um jogo dialético do tempo que se dá no seu interior. Benjamin assim concebe a crítica e consagra sua filosofia, onde forma e idéia se confundem com a matéria.

É principalmente no *Prefácio* que o princípio da mônada renomeado se filia a estas concepções; ainda assim, aparecem em *Sobre o conceito da História* e na sessão *N* das *Passagens*.

Para não deixar de fora, que venham as palavras de Leibniz:

Cada substância singular exprime todo o universo à sua maneira; e que em sua noção estão compreendidos todos os seus acontecimentos com todas as circunstâncias e toda a seqüência das coisas exteriores. (LEIBNIZ, 1974. p.83)

Ao contrário do que grandes nomes da filosofia e da mística – teósofos e antropósofos – diriam, para Benjamin, a origem não é gênese. No *Prefácio*, deixa clara a distinção. Para tal intento, identifica, na alegoria, a idéia a alguns termos do cotidiano ou a termos consagrados das tradições filosóficas, mágicas ou

artísticas.

\*\*\*

Todo esse diálogo com a metafísica é importante para trazer os conceitos e convertê-los em imagens; ou, resgatar as imagens dos conceitos para conceber as idéias, lembrando que, para Benjamin, idéia não é conceito. Da mesma forma que para Nietzsche todo conceito já foi metáfora um dia, para Benjamin, o conceito parte do extremo, que é idéia em sua unidade.

Como já dizia Lukács, ensaiar faz trazer as imagens das obras para que delas os ensaístas extraíam suas idéias. (Lukács, 1974. p.21) Assim como Lukács, Benjamin também optou pelo ensaio como forma de fazer filosofia. Trouxe, não só das obras de arte, mas das arquiteturas filosóficas, palavras para serem vivificadas em seu renome. E é isso que importa nesta breve apresentação dos conceitos de mônada. Uso formal nada mais conveniente para aquele que, além de querer dialogar com a academia, quer também tratar do minúsculo, “pois é no minúsculo que a reflexão encontrará à sua frente, sempre que mergulhar na obra e na forma de arte, para avaliar seu conteúdo”. (BENJAMIN, 1984. p.67)

Benjamin mergulha nas obras mais esquecidas da história para pensar a partir delas. O *drama barroco alemão* foi uma tentativa frustrada de restaurar a tragédia grega (como já dito em nota). Ela, pois, não é tragédia, não possui em si a forma da tragédia. Benjamin fez nascer uma nova forma de arte que não é a tragédia, mas o drama barroco alemão, salvando aquele teatro esquecido e representando-o em sua idéia, enquanto mônada (autônoma e não dependente da esteira do tempo).

A tarefa do filósofo é assim a de injetar nas idéias o sangue vigoroso da empiria e de salvar os fenômenos, guardando-os no *recinto das idéias* (ROUANET, 1984. p.13) [além de] restaurar em sua primazia essa dimensão nomeadora da linguagem, voltando-se, por uma espécie de *anamnesis*, para a condição paradisíaca... (*Ibid.* p.16)

Benjamin, assim, vai extrair as idéias da própria empiria, mas, ao contrário

da abstração, fará isso através do poder de Adão, pai da filosofia; o poder de nomear e renomear as coisas, recorrendo alegoricamente ao mundo das idéias, salvando os fenômenos que por si sós não são perduráveis.

O conjunto dessas alegorias faz mediar a forma e o conteúdo das obras. Entre o paraíso da linguagem mágica – que diz e faz acontecer – e a reminiscência, é que permitirá ao filósofo traduzir a linguagem das coisas para os homens. É esse o trabalho do crítico: traduzir as obras e não julgá-las como se o crítico tivesse esse poder de oprimir ainda mais aquela que está calada em sua língua ‘coisal’. A verdade objetiva da idéia não é bem, pois, uma adequação às coisas; não há previamente uma faculdade *a priori* que nos permita essa adequação, mas a verdade é dada nesse instante de relação. “A verdade é construção.” (MURICY, 1999. p.143) E é isso que importa ao mágico; é isso que aqui importa: a construção de um realismo fantástico que se abre de tal forma que permite sempre retornar a ele para contemplação do mesmo no novo. A idéia enquanto mônada nos permite isso, dado que ela é possuidora de qualidades infinitas e que “em cada mônada estão indistintamente presentes todas as demais.” (BENJAMIN, 1984. p.70)

A arte barroca está fechada em suas dobras e “se o Barroco está condenado à imanência, é porque exclui a história messiânica.” (ROUANET *in* BENJAMIN, 1984. p.43) Vai ser o filósofo – agora com a perspectiva do colecionador – aquele que irá salvar e render sua história. Por isso há o salto do barroco ao romantismo e ao século XX, pois “nossas ruínas são análogas às do Barroco.” (*Ibid*)